

Representações sociais de adolescentes sobre o consumo de álcool: implicações do relacionamento familiar¹

*Social representations of adolescents about alcohol consumption:
implications from family relations*

Silvio Eder Dias da Silva²
Maria Itayra Padilha³
Lucialba Maria Silva dos Santos⁴
Jeferson Santos Araujo⁵

RESUMO: O estudo objetivou identificar as representações sociais dos adolescentes sobre as bebidas alcoólicas e analisar as implicações do relacionamento familiar sobre a construção de tais representações. A pesquisa descritiva qualitativa adotou a história de vida como método. Foram entrevistados 40 adolescentes na faixa etária de 12 a 20 anos que fazem uso de bebidas alcoólicas, no município de Belém, Pará. Nos resultados emergiram quatro categorias de análise: criação pela mãe e pai; liberdade controlada e liberdade permitida durante a infância; relação boa com os pais; relação conflituosa com os pais. Identificou-se que, para os adolescentes, as bebidas alcoólicas estão associadas a busca de novas experiências, independência, vício, conflitos familiares, brigas e separações. Conclui-se que, além deste, mais estudos sobre a relação entre a adolescência, o consumo de álcool e o relacionamento familiar são necessários para subsidiar o estabelecimento de medidas preventivas em relação ao alcoolismo nas ações educativas em saúde pública.

Palavras-chave: adolescente; álcool; relações familiares; representações sociais; saúde pública.

ABSTRACT: The study aimed at identifying the social representations of adolescents about alcoholic beverages as well as analyzing the implications of family relations on the construction of such representations. The descriptive qualitative research that was conducted adopted life-history as a method. Forty adolescents from the city of Belém, located in the state of Para, were interviewed. They used alcoholic beverages and their ages ranged between 12 and 20 years old. Four analytical categories emerged from the results: the raising by mother and father; controlled and allowed freedom during childhood; good relationship with parents; conflicting relationship with parents. It was identified that, for the adolescents, alcoholic beverages are associated with the search for new experiences, independence, addiction, family conflicts, fights and separations. It is concluded that more studies about the relationship involving adolescence, alcohol consumption and family relations are necessary in addition to this one, in order to support the establishment of preventive measures related to alcoholism in educational public health actions.

Keywords: adolescent; alcohol; family relations; social representations; public health.

¹ Parte da Tese de Doutorado "História de vida e alcoolismo: representações sociais sobre o alcoolismo", defendida no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, no âmbito do DINTER UFPA/UFSC.

² Doutor em Enfermagem; Professor Adjunto na Universidade Federal do Pará - Pará, Brasil. E-mail: silvioeder2003@yahoo.com.br.

³ Doutora em Enfermagem; Professora Associada na Universidade Federal de Santa Catarina – Santa Catarina, Brasil.

⁴ Mestranda da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Pará - Pará, Brasil.

⁵ Acadêmico da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal do Pará - Pará, Brasil.

Introdução

Nos dias atuais, o consumo abusivo de bebidas alcoólicas constitui um problema de saúde pública, tanto nos países desenvolvidos quanto naqueles em desenvolvimento e subdesenvolvidos, tendo forte impacto sobre as pessoas, prejudicando sua vida social, econômica, política e familiar, além da saúde (Galduróz & Caetano, 2004).

Esse problema social faz-se presente em um importante ciclo de vida, a adolescência, que, segundo a Organização Mundial da Saúde, corresponde a um período de transição biopsicossocial que começa a partir dos 10 anos, indo até os 19 anos de idade (Organização Mundial de Saúde, 1994).

Pesquisas indicam que o álcool é a droga mais comum entre os adolescentes, sendo o uso dessa substância psicoativa iniciado cedo na vida, com o grupo de amigos ou mesmo no ambiente familiar. Observa-se que, principalmente, por ocasião das festas é que o álcool faz-se presente na vida dos adolescentes, favorecendo o consumo tanto para os que já são usuários quanto para aqueles que ainda não iniciaram o uso. Tais condições propiciam o acesso àqueles adolescentes com menos aparato preventivo (Zalaf & Fonseca, 2009).

O consumo de álcool em excesso pelo adolescente traz várias consequências graves para sua saúde, evidenciando-se que esta droga socialmente aceita é a porta de entrada para o consumo e o vício em outras drogas ditas ilícitas. Estudos apontam que o consumo de álcool entre adolescentes acontece, em média, aos onze anos de idade, e que é comum o primeiro contato acontecer na presença da família, o que traz responsabilidades para esta, como a orientação e educação para a saúde de seus filhos, enfatizando os riscos e perdas decorrentes do consumo de bebidas espirituosas (Cavalcante, Alves & Barroso, 2008; Pechansky, Szobot & Scivoletto, 2004).

Justamente nesse período, em que o grupo de amigos atinge importância social principal, os conflitos familiares atingem o pico, fazendo com que os pais percam um pouco do seu poder de controle sobre os filhos, que buscam a imagem de adulto independente no grupo de amigos no qual estão inseridos, o que é uma tendência natural dos adolescentes. É principalmente nesse período de crise que as drogas entram em suas vidas.

Sendo o alcoolismo um objeto psicossocial, faz-se oportuno pesquisá-lo através das representações sociais. Dessa maneira, para compreender as atitudes de adolescentes frente ao consumo do álcool, é essencial conhecer suas histórias de vida a fim de captar as representações sociais destes sobre as bebidas alcoólicas, bem como as implicações do relacionamento familiar para a construção de tais representações. Estas informam sobre o pensar e o agir sobre a problemática em questão e, a partir desse conhecimento, permitem planos de ação visando uma melhor qualidade de vida para esse grupo.

Tendo em vista os danos que o alcoolismo causa à família e à sociedade, como, desintegração familiar, acidentes e mortes prematuras, realizou-se o presente estudo, para o qual se traçou como objetivos identificar as representações sociais dos adolescentes sobre as bebidas alcoólicas a partir de suas histórias de vida e analisar as implicações do relacionamento familiar para a produção dessas representações.

Fundamentação teórica e método

Esta pesquisa é do tipo descritivo com uma abordagem qualitativa, adotando a história de vida como forma de captar as representações sociais dos sujeitos do estudo acerca do consumo de bebidas alcoólicas e da influência das relações familiares nesse sentido.

A Teoria das Representações Sociais, que serve de enfoque teórico-conceitual para este estudo, reconhece o indivíduo como um ser psicossocial, pois este se apropria de um conhecimento, aplica o seu toque pessoal e o compartilha com o seu grupo de pertença, ou seja, o sujeito possui uma história pessoal com determinantes sociais e culturais (Moscovici, 2003).

As representações são fenômenos sociais que devem ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação pelas quais circulam. Trata-se de conhecimentos que se compõem de elementos cognitivos socialmente elaborados e compartilhados, contribuindo para a construção de uma realidade comum e possibilitando a comunicação entre indivíduos (Jodelet, 2001).

As representações sociais “são entidades quase tangíveis, elas circulam, cruzam-se e cristalizam-se incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano” (Moscovici, 1978, p. 40). Elas influenciam os comportamentos sociais e orientam a comunicação entre as pessoas.

A teoria das representações sociais proporciona a compreensão de como os sujeitos sociais apreendem os acontecimentos da vida diária, suas informações, suas relações e características do meio. As representações sociais são uma forma de conhecimento prático, do senso comum, que circula na sociedade por meio da comunicação social informal. Trata-se de um conceito da psicologia social que engloba as crenças e imagens concebidas pelo grupo a respeito das condições que determinam suas práticas e seu cotidiano (Sá, 1995).

A presente pesquisa foi realizada no município de Belém, estado do Pará. Os sujeitos do estudo foram quarenta adolescentes na faixa etária entre 12 e 20 anos de idade que fazem uso de bebidas alcoólicas e são cadastrados no projeto social Tribos Urbanas da Fundação Papa João XXIII. Esse projeto visa retirar das ruas jovens e adolescentes envolvidos em grupos de gangues e proporcionar-lhes atividades socioeducativas, a fim de recuperá-los e devolvê-los à família e à sociedade (Fundação Papa João XXIII, 2008). Utilizou-se a letra “E”, seguida de um número, para identificar os entrevistados. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará sob o protocolo 004/08 CEP-ICS/UFPA.

A coleta de dados foi realizada por meio do método de história de vida, utilizando entrevistas semiestruturadas. Aplicou-se, ainda, um questionário para a identificação do perfil sociocultural da amostra, já que o mesmo favorece a análise dos dados, sendo de suma importância caracterizar o grupo de sujeitos em estudos de representações sociais.

A utilização da história de vida como abordagem metodológica vem evoluindo continuamente. Foi introduzida no meio acadêmico, em 1920, pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znaniecki, na Polônia. A partir da década de 60, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de coleta de dados sobre os indivíduos no contexto das suas relações sociais (Bertaux, 2005).

A coleta da história de vida inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Nas entrevistas, embora seja o pesquisador a escolher o tema e a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar. A história de vida constitui-se em uma ferramenta valiosa por se colocar justamente no ponto em que se cruzam a vida individual e o contexto social (Queiroz, 1988).

A história de vida consiste numa narrativa onde o narrador relata e organiza aspectos da representação que tem dos acontecimentos de sua vida, conforme suas crenças. Cabe ao pesquisador interpretar as narrativas, selecionando os fatos e os significados atribuídos a eles, dado que o narrador conta sua vida hierarquizando, valorizando e reforçando aspectos, imprimindo sua visão pessoal e subjetiva (Brioschi & Trigo, 1987).

Dentre as várias técnicas de análise das entrevistas realizadas, optou-se por utilizar a técnica de análise de conteúdo temático, dando especial atenção à repetição de temas no material coletado. O tema é a unidade de significação que emerge de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. Ela se configura como uma técnica que propicia conhecer uma realidade por meio das comunicações de indivíduos que tenham vínculo com a mesma. Permite chegar à significação que se desprende do texto com base na teoria que guia o estudo. Por outro lado, esta técnica permite descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja frequência ou ausência significam alguma coisa face ao objeto analítico visado (Bardin, 2008).

Resultados e discussão

Quanto ao perfil sociocultural da amostra, observa-se que, dentre os 40 participantes, 30 eram homens e 10 mulheres. Constata-se, também, que todos eram de baixa renda. O grau de escolaridade que predominou foi o ensino fundamental incompleto, em 24 deles. As atividades de lazer mais praticadas são futebol e festas, informadas por 29 entrevistados. Dos 40 depoentes, 21 pertenciam à religião evangélica. Todos viviam em condições precárias de saneamento básico e conviviam com até 15 pessoas na família.

São apresentadas e discutidas, neste estudo, as maneiras como os adolescentes, a partir de suas vivências, representavam a família e seus relacionamentos familiares e de que modo isso contribuiu para a representação social destes acerca das bebidas alcoólicas. As representações que emergiram dos relacionamentos com os membros familiares são de suma importância para se compreender como os adolescentes se aproximaram das bebidas alcoólicas. A desestruturação familiar vivenciada pelos depoentes, devido à existência de conflitos de diversas naturezas, em especial aqueles envolvendo o uso de bebidas alcoólicas pelos familiares, podem mesmo ter acarretado danos emocionais, psicológicos e sociais aos mesmos.

A partir dos significados atribuídos pelos adolescentes à família, à liberdade, à relação com os pais e ao álcool, surgiram as seguintes categorias de análise: criação pela mãe e pelo pai; liberdade controlada e liberdade permitida; relação boa com os pais; relação conflituosa com os pais. Na primeira categoria, evidenciaram-se as representações dos adolescentes sobre a importância da estrutura familiar na vida dos mesmos e de como a desestruturação da família repercutiu de forma negativa na qualidade de vida desses jovens. Na segunda categoria, observaram-se as representações sociais dos adolescentes sobre a liberdade controlada e a liberdade permitida pelos pais, cujas medidas de proteção e segurança geram

conflitos nestes jovens que buscam, na maioria das vezes, a liberdade total e independência. Na terceira categoria, os adolescentes se referiram em seus discursos a situações de bom relacionamento com os pais. Na última categoria, constataram-se as representações sociais dos adolescentes sobre o relacionamento conflituoso com os pais, geralmente permeado pelo consumo de bebidas alcoólicas, brigas e separações.

Criação pela mãe e pai

O desenvolvimento saudável ou não dos membros de uma família depende da mesma, pois ela representa a ligação entre as diversas esferas da sociedade. A relação familiar, a atitude e o comportamento dos pais e irmãos são modelos importantes para os jovens, e atuam como fator de proteção para o uso de drogas (Schenker & Minayo, 2005).

Evidenciou-se através das histórias de vida relatadas pelos adolescentes que a instituição família foi representada pela figura do pai, mãe e filhos, sendo a criação pelo pai e mãe considerada ideal. Na maioria dos casos, isto persistiu durante a infância desses jovens, porém na adolescência teria ocorrido a separação dos pais, ficando o adolescente com a mãe, conforme ilustrado nos trechos abaixo:

Minha família é formada pelo meu pai, minha mãe, eu e mais dois irmãos e uma meia-irmã, que não é filha do meu pai (E₃₆).

A minha família é: meu pai, minha mãe e dez filhos. A nossa relação era boa. A minha mãe era mãe e pai dos filhos porque meu pai viajava pra fora pra trabalhar (E₃₈).

A estrutura familiar tradicional da divisão de tarefas entre o pai, como provedor dos recursos financeiros da família, e a mãe, como gerenciadora dos trabalhos domésticos, ainda se encontrou bastante visível na pesquisa. Esta realidade favoreceu que os adolescentes tivessem seu padrão de participação familiar centrado nos papéis diferenciados que lhes eram apresentados pelos seus pais.

Especificamente no contexto estadunidense foi realizada uma pesquisa para comparar a quantidade de tarefas domésticas realizadas por mulheres que sustentam financeiramente suas famílias e por mulheres que são dependentes economicamente de seus maridos. Utilizou-se o *National Survey of Families and Households* (levantamento familiar nacional) com uma amostra de 2.912 casais. Os resultados mostraram que as mulheres contribuem com 64% do total de horas de trabalho doméstico, enquanto os maridos com 30%, sendo o restante desempenhado pelas crianças ou outras pessoas que vivem ou ajudam na casa (Pratta & Santos, 2007).

O modelo da família tradicional de classe média brasileira, com uma divisão nítida de papéis, em que o homem funcionava como provedor financeiro do lar, enquanto a mulher dedicava-se as tarefas vinculadas à vida familiar, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos, passa a não ser mais tão comum em nossa realidade como no século XIX e início do século XX (Biasoli-Alves, 2004). Atualmente, um número cada vez maior de mulheres trabalha fora de casa e contribui para a renda da família. Além disso, o trabalho feminino passa a garantir, inúmeras vezes, a subsistência das famílias (Silva & Souza, 2004).

Estudos brasileiros, com famílias de nível socioeconômico médio ou baixo nas quais a mulher é a principal responsável pelo sustento financeiro, apontam que ela ainda é responsável pela quase totalidade dos afazeres domésticos. Apesar de ter uma renda financeira maior que a do marido, a divisão das tarefas domésticas segue o molde tradicional

(Pratta & Santos, 2007). Entende-se que nestas famílias mantém-se um funcionamento tradicional. Ainda que a mulher tenha rendimentos maiores que o homem, estes ainda são considerados no discurso familiar como um complemento ao orçamento. Por outro lado, as tarefas domésticas desempenhadas pelos maridos são percebidas como uma ajuda, expressando a isenção deste da responsabilidade no desempenho de tais atividades (Silva & Souza, 2004).

Essa estruturação da família na qual a mulher é provedora de recursos financeiros e realizadora de atividades domésticas é bastante comum nos meios socioeconômicos mais carentes, como é o caso dos participantes da presente pesquisa. De fato, a maioria dos relatos dos adolescentes se refere à mãe como dona de casa e provedora financeira da família, através principalmente de atividades de caráter autônomo.

Ainda, com a ocorrência da separação, a mulher passa a assumir totalmente a dupla atividade de doméstica e alicerce financeiro e, junto a esta nova contextualização, é comum emergir o hábito do consumo de bebidas alcoólicas. A separação causa reflexos negativos, desestabilizando a mulher emocionalmente e a levando a buscar compensação nas bebidas alcoólicas, como ilustram as falas abaixo:

A minha mãe começou a beber mais quando o meu pai saiu de casa, mas ela só bebia nos finais de semana, e quando ela bebia só fazia besteira, queria brigar com todo mundo em casa e na rua. Por isso que eu gostava que ela depois da bebida fosse dormir (E₁₂).

A mamãe bebia pouco quando morava com o meu pai, mas depois que ele foi embora ela começou a beber com os amigos principalmente na sexta-feira (E₃₄).

O desenvolvimento da sociedade moderna propiciou a inserção da mulher no mercado de trabalho, a independência feminina, a ampliação de seus direitos enquanto ser humano, mas também a adoção explícita de hábitos teoricamente considerados masculinos, dentre eles o uso do álcool. Assim, nas sociedades modernas, o desenvolvimento científico, cultural e socioeconômico transformaram os estereótipos tradicionais femininos, resultando em um efeito indireto sobre o consumo de produtos que acarretam dependência, como o tabaco e o álcool, explicando de certa forma o aumento de toxicomanias na população feminina (Flex & Wagner, 2003). O fato de ser dependente do álcool significa sofrer preconceito, porém a mulher que se torna alcoolista sofre esse efeito intensificado, visto existirem diferenças de gênero no alcoolismo, refletidas no comportamento de beber de homens que é mais aceitável socialmente do que para as mulheres (Biasoli-Alves, 2004).

De qualquer forma, o hábito dos familiares de consumir bebidas alcoólicas favorece a introdução das mesmas na vida cotidiana do adolescente, o que se constitui como fator predisponente para que ele as assimile como uma forma de lidar com os problemas da realidade. De fato, os filhos de pais alcoolistas podem apreender a interagir com o meio social utilizando o artifício do álcool de forma semelhante aos seus pais. Porém nem sempre isso é a regra, visto que os filhos podem também desenvolver aversão pelo álcool por perceberem os resultados maléficis do mesmo.

Liberdade controlada e liberdade permitida durante a infância

Nesta segunda categoria, observaram-se relatos quanto à liberdade controlada e à liberdade permitida para os adolescentes durante a infância. Alguns depoentes utilizaram como base desta representação a associação da liberdade controlada a algo ruim, a não poder sair de casa para brincar, conforme exemplificado abaixo:

Por incrível que parece na minha infância eu era muito caseiro minha mãe não deixava sair mesmo, eu brincar na rua era muito difícil (E₁₁).

Minha infância foi ruim por que minha mãe não deixava nem eu sair pra rua porque tinha medo devido ao meu irmão se meter em roubo, aí a gente corria risco também por causa dele (E₁₃).

Ainda nesta categoria, com relação à liberdade permitida durante a infância, outros depoentes associaram-na a deixar à vontade, deixar brincar na rua, não parar na casa, fato observado nos relatos a seguir:

Minha infância foi maravilhosa, meus pais me deixavam bastante à vontade para brincar com meus amigos, principalmente de jogar futebol na rua da minha casa (E₄).

Na minha infância eu gostava de estudar e de jogar bola na rua da minha casa. Eu jogava bola todos os dias quando chegava da escola... (E₃₀).

Como se pode notar, o tipo de controle da liberdade da criança rege a avaliação que o adolescente faz sobre sua infância, classificando-a como boa ou como ruim. Cabe lembrar que essa liberdade permitida ou controlada vigora até a adolescência, sendo fundamental para relação do adolescente no seu meio social.

O surgimento da adolescência marca ainda mais o querer fazer tudo sem limites, visto que esta fase é caracterizada por uma resistência à liberdade controlada. O adolescente busca ter mais independência para decidir o que fazer e como fazer, fugindo assim do controle dos pais. Por tal motivo esta etapa do desenvolvimento do ser humano é conhecida como a fase da rebeldia.

A adolescência pode ser entendida como um produto do meio social, pois cada contexto sócio-histórico determina uma pauta de perspectivas e representações sobre os adolescentes e a adolescência, abrangendo aspectos biopsicossociais, de forma a orientar o papel dos jovens em diferentes níveis da vida sociocultural. Além disso, aspectos religiosos, de gênero, a posição na família, a inserção de classe, e o significado relativo de cada um desses diferentes processos interferem na demarcação do intervalo entre o término da infância e a entrada na vida adulta, qualificando a duração da adolescência.

Este período de mudanças e descobrimentos é marcado pelo afastamento do adolescente da família e a aproximação a um novo grupo de pertença. Isto ocorre devido ao grupo de pares constituir uma fonte de socialização menos repressiva que a família, assumindo importante papel como fonte de referência social. Entre seus pares, com frequência, os adolescentes são menos exigidos a negociar perspectivas e encontram oportunidades de legitimar os próprios sentimentos e visões de mundo, norteados pela intensa identificação, compreensão e aceitação pelo grupo. O adolescente passa a fazer parte do que alguns autores denominam de “tribo urbana”, que consiste em agrupamentos semiestruturados, formados por indivíduos que se aproximam pela identificação comum de crenças, rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo (Araújo, Rocha & Armond, 2008).

Os grupos sociais são dotados de normas, critérios e, para manter sua integridade, necessitam adquirir uma identidade grupal. É neste momento que se destaca a questão das bebidas alcoólicas, que passam a ser agentes necessários para a socialização. Salienta-se que o álcool, ao invés da maconha, é a primeira droga com a qual o adolescente tem contato, servindo como uma via de acesso às drogas ilícitas. A precocidade de início do uso de álcool é um dos fatores mais relevantes para a ocorrência de problemas futuros.

Os meios de comunicação de massa, como difusores de significados e símbolos na nossa sociedade, têm proporcionado a mediação das bebidas alcoólicas como um agente socializador. Esta realidade existe devido ao álcool ser uma droga lícita, o que permite que seja veiculada nos meios de comunicação de massa, contribuindo de forma significativa para sua propagação. A mídia estabelece preceitos à sociedade em geral e aos adolescentes em particular, para que possam ser inseridos no contexto do mercado consumidor, que os estimula a usar o corpo para ascender socialmente e se converter num bem de consumo, para que possam consumir outros bens do mercado (Carlini-Cotrim, 2000). Os meios de comunicação de massa ditam o que os jovens devem consumir para estar em sintonia com o mundo globalizado, no caso específico deste estudo o uso das bebidas alcoólicas.

Outro fator para o aumento do consumo de álcool pelos adolescentes está relacionado ao baixo preço das bebidas alcoólicas. Sabe-se que o álcool, ao contrário das drogas ilícitas, pode ser adquirido no Brasil a um baixo custo nos lugares mais diversos, desde o bar da esquina até as grandes redes de supermercados, o que facilita sua aquisição, favorecendo a expansão dos problemas por ele gerados em nosso meio social (Silva & Padilha, 2011).

Relação boa com os pais

Nesta categoria, os entrevistados associaram o bom relacionamento com os pais a deixar sair, a ter liberdade de conversar, a dar dinheiro e ao cuidar. Os relatos abaixo ilustram tais colocações:

...com a minha mãe a minha relação está ótima, porque antes ela não deixava eu sair pra rua, mas agora ela deixa, o horário que ela diz pra eu entrar eu entro (E₁).

E normal minha relação com meus pais, às vezes que estou errado eles sentam e conversam comigo e quando eu vejo que eles estão errados eu sento e converso com eles. Minha relação com meu pai mesmo depois de separado da mamãe é a mesma (E₂₀).

A relação boa com os pais citada por diversos entrevistados revelou algo que auxilia no enfrentamento das dificuldades naturais do período da adolescência. A busca pelo apoio e afeto nas inter-relações familiares por parte dos adolescentes fortalece a relação aberta com os pais, gerando confiança, segurança, proteção e suprimento das suas necessidades para uma melhor qualidade de vida.

As transformações que ocorrem na sociedade contemporânea levam a que as relações entre pais e filhos se baseiem cada vez mais no diálogo, na participação, na igualdade, na afeição e na compreensão. Os adolescentes, na medida em que se sentem mais livres para tomar suas próprias decisões, veem a relação com os pais como satisfatória e aceitável, não se configurando como uma situação conflituosa. A boa relação entre pais e filhos favorece a permanência deles juntos por mais tempo, proporcionando um controle saudável pelos pais das experiências e dos estilos de vida dos jovens.

Os aspectos afetivos positivos das representações do relacionamento com os pais foram frequentes nas histórias de vida dos entrevistados, mostrando-se primordiais para o reconhecimento de uma realidade envolta em harmonia, cuidado, proteção, respeito e liberdade que norteia o bom relacionamento dos adolescentes com os pais. Os sujeitos compreendem e interpretam de forma diferente determinada situação vivenciada; logo, eles têm bom ou mau desempenho quando suas representações estão em sintonia ou não com as tarefas a serem realizadas (Jodelet, 2005).

A importância do diálogo com os pais foi enfatizada pelos depoentes, mesmo quando não tinham essa experiência eles próprios. O diálogo entre pais e filhos é indispensável, principalmente na fase da adolescência, período em que os jovens tendem a fechar-se em seu “mundo” próprio, precisando, por esse motivo, de mais orientação e compreensão dos pais. Em contrapartida, a falta de diálogo no ambiente familiar pode acarretar dificuldades em termos de relacionamento e afetar o bem-estar e a saúde psíquica dos adolescentes.

A preocupação dos pais frente à liberdade dos filhos concerne à exposição destes a riscos, que podem surgir em função da própria curiosidade comum nesse período do desenvolvimento. É este o caso específico do consumo de álcool, que se tornou fator preocupante em decorrência do aumento entre os adolescentes nos dias atuais.

Constatou-se, entretanto, neste estudo que a boa relação com os pais não foi condição suficiente para que os adolescentes desenvolvessem normas de boa conduta, pois, apesar do apoio que relataram, eles ainda se envolveram com as bebidas alcoólicas.

Relação conflituosa com os pais

A relação conflituosa com os pais foi identificada, nesta categoria, como relacionada a discussões, brigas, abuso de bebidas alcoólicas, relacionamento desarmônico com a madrasta, maus tratos cometidos pela mãe, separação dos pais e até mesmo envolvimento em roubos, gerando conflitos que muitas vezes fizeram tais jovens buscar o mundo das drogas e a criminalidade. Essas colocações podem ser vistas nas falas dos depoentes, exemplificados abaixo:

...meus pais brigavam comigo quando eu chegava tarde, começavam a falar no outro dia o que eu tinha feito de errado (E₃₁).

Hoje é só discussão com o papai, a gente começa a discutir, ele começa a querer me bater, agora só é briga, minha adolescência é só briga, tudo por causa do álcool (E₁₈).

Meu pai até hoje eu não vi, ele não me procura. É que eu fiz umas besteiras também, teve uma vez que eu saí do sábado para o domingo e comecei a beber e fiquei muito porre, depois, já no domingo, continuei a beber e fiquei porre de novo, fiquei tão porre que não aguentava mais nada (E₂₄).

Já não falo com o papai porque eu não me dou com ele desde pequeno, foi porque ele bebia com a mamãe e eles dois brigavam ai comecei a sentir ódio da cara dele (E₈).

...com o meu pai não é muito boa a nossa relação, porque ele separou da minha mãe. Quando eu procuro meu pai ele fala que eu só procuro ele quando eu quero alguma coisa, tipo dinheiro, por isso, não vou na casa dele porque não gosto que ele pense isso de mim (E₁₇).

O meu pai, eu não falava com ele por culpa da minha madrasta que não gosta de mim, ela falava que eu ia trazer filho cedo pro meu pai criar [...]. A minha relação com o meu pai é muito ruim, pois quando ele tá com a mulher dele, ele me trata muito mal, já quando ele tá longe dela, me trata bem (E₁).

Este grupo de adolescentes passou a conviver com conflitos familiares constantes, visto não concordarem com as atitudes e cobranças dos pais diante dos problemas surgidos. Assim, muitos deles passaram a buscar auxílio de outras pessoas que não faziam parte do grupo familiar, ou seja, que não impunham normas que restringissem seus comportamentos e atitudes. Neste momento, essa busca constituiu uma influência significativa para a ingestão de bebidas alcoólicas e atitudes de marginalidade.

Quando se detecta a violência dentro de um grupo familiar, geralmente encontra-se um padrão de relacionamento abusivo entre pai, mãe e filho, comprometendo o desempenho dos papéis familiares. Dessa forma, tal relacionamento pode tornar-se rígido, culminando num grande desencontro familiar. Apesar das diversas circunstâncias que podem provocar os conflitos familiares, os fatores que os originam são sempre intrafamiliares, enraizados no contexto das relações de autoridade definidas pelos pais, e sociais, entre eles a busca pelo uso de bebidas alcoólicas e drogas comuns na sociedade contemporânea (Mello, Caldas, Carvalho & Lima, 2005).

O abuso de bebidas alcoólicas causa transtornos que penalizam enormemente os membros da família, contribuindo para altos níveis de conflito interpessoal, violência doméstica, inadequação parental, abuso e negligência infantil, separação e divórcio, dificuldades financeiras e legais.

Um aspecto que merece ser ressaltado a partir dos relatos dos adolescentes diz respeito ao relacionamento conflituoso destes com madrastas e padrastos. Um novo parceiro (a), do pai ou da mãe, pode gerar dificuldades de relacionamento na família, exigindo reestruturação e delimitação dos papéis de cada membro. Como consequência, os filhos adolescentes podem vivenciar desde situações de extrema rivalidade, frente ao novo integrante, até o estabelecimento de uma relação de amizade. Para compensar seu sentimento de impotência diante dos acontecimentos, o adolescente encontra refúgio, e até mesmo fuga, no uso de bebidas alcoólicas, caminho muitas vezes sem volta.

As famílias deste estudo parecem precisar de apoio para reestruturação e delimitação dos papéis de cada membro, na medida em que o grau de instrução e as condições precárias de vida não favorecem a essa compreensão.

Considerações finais

Constatou-se, por meio da análise das histórias de vida dos adolescentes, que a constituição das famílias dos mesmos, durante a infância, era tradicional, centrada no papel do pai como gestor financeiro e da mulher como responsável pelas atividades domésticas. Posteriormente, na fase da adolescência, a constituição da família de muitos deles assumiu outra configuração, na qual a mãe era tutora de recursos financeiros e de atividades domésticas. Com frequência, a partir deste momento, a mãe passava a consumir bebidas alcoólicas de forma abusiva.

Verificou-se, ainda, que a adolescência era vista pelos participantes da pesquisa como uma fase boa ou ruim, dependendo do fator de controle dos pais e da forma como estes se relacionam com os filhos. É nesse cenário, atrelado aos conflitos com os pais, que surge o consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes. Identificou-se enfim, neste estudo, que o consumo de bebidas alcoólicas é representado pelos adolescentes em associação a busca por novas experiências, a ser aceito pelo grupo de pares, a independência, a vício, a conflitos familiares, a brigas e separações.

Embora sejam necessários mais estudos sobre a relação entre a adolescência e os fatores de risco para o uso de álcool, acredita-se que aqueles fatores evidenciados na análise das categorias representacionais da presente pesquisa constituem subsídios úteis a serem considerados nas ações educativas pertinentes a tal problema de saúde pública.

Referências

- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2004). Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. In C.R. Althoff, I. Elsen, & A. Nitschke. *Pesquisando a família: olhares contemporâneos* (pp. 91-106). Florianópolis, SC: Pipa-livro.
- Brioschi, L. R., & Trigo, M. H. B. (1987). Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. *Ciência e Cultura*, 39(7), 631-636.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bertaux, D. (2005). *Los relatos de vida*. Barcelona:Ediciones Bellaterra.
- Carlini-Cotrim, B. (2000). Drogas: estranho o óbvio. In H. W. Abramo, M. V. Freitas, & M. P. Spósito. *Juventude em debate* (pp. 71-79). São Paulo, SP: Cortez Editora.
- Cavalcante, M. B. P. T., Alves, M. D. S., & Barroso, M. G. T. (2008). Adolescência, álcool e drogas: Promoção da Saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 12(3), 555-559. Recuperado em 2 junho, 2010, de http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20083/artigo%2022.pdf.
- Fundação Papa João XXIII. Prefeitura de Belém. (2008). *Projeto tribos urbanas*. Recuperado em 15 jun, 2010, de http://www.belem.pa.gov.br/portal/new/index2.php?option=com_events&task=view_detail&agid=506&year=&month=&day=&Itemid=280&pop=1.
- Galduróz, J. C. F., & Caetano, R. (2004). Epidemiologia do uso de álcool no Brasil. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(1), 3-6.
- Jodelet, D. (2001). *Representação social: um domínio em expansão*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (1978). *Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mello, Z. M., Caldas, M. T., Carvalho, M. M. C., & Lima, A.T. (2005). Família, álcool e violência em uma comunidade da cidade do Recife. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 201-208.
- Organização Mundial de Saúde. (1994). *Lexicon of alcohol and drug terms*.
- Pechansky, F., Szobot, C. M. I., & Scivoletto, S. (2004). Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(1), 14-17.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influencia do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256.
- Queiroz, M. I. (1988). Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In S. Von (org.) *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice.
- Sá, C. P. (1995). Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In M. J. Spink (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. R *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717.
- Silva, S. E. D., & Padilha, M. I. (2011). Atitudes e comportamentos de adolescentes em relação à ingestão de bebidas alcoólicas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(5), 1063-1069.
- Silva, S. E. D., & Souza, M. J. (2004). Alcoolismo: representações sociais de alcoolistas abstêmios. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 8(3), 420-427.
- Zalaf, M. R. R., & Fonseca, R. M. G. S. (2009). Uso problemático de álcool e outras drogas em moradia estudantil: conhecer para enfrentar. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(1), 132-138.

Apresentação: 06/11/2011

Aprovação: 15/12/2011